



SÉRGIO PEREIRA DOS SANTOS

**INDISCIPLINA ESCOLAR: BULLYING NA EDUCAÇÃO
FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PRIMEIRO CICLO NA
ESCOLA CLASSE 02 DO PARANOÁ**

PLANALTINA/DF

2013

SÉRGIO PEREIRA DOS SANTOS

**INDISCIPLINA ESCOLAR: BULLYING NA
EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
PRIMEIRO CICLO NA ESCOLA CLASSE 02 DO
PARANOÁ**

Trabalho Monográfico apresentado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília – Pólo Planaltina – DF.

Orientador(a): Marcus Tullius de Paula Senna.

PLANALTINA/DF

2013.

TERMO DE APROVAÇÃO

SÉRGIO PEREIRA DOS SANTOS

INDISCIPLINA ESCOLAR: BULLYING NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL PRIMEIRO CICLO NA ESCOLA CLASSE 02 DO PARANOÁ

Trabalho Monográfico defendido e aprovado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II e no Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília – Pólo Planaltina – DF.

Professor...

Professor...

Professor...

DATA: ____/____/____

CONCEITO FINAL: _____

PLANALTINA/DF
2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente minha filha, pois foram 5 anos sacrificados em que o tempo dedicado a ela tem sido muito pouco, aos meus pais, irmãos e sobrinhas, pessoas que sei que sempre que precisar deles, estarão lá para me amparar, apoiar e ajudar no que sempre precisar, aqueles que me deram força para que eu chegasse até aqui, tais como colegas, tutores e professores, me desculpem pelas falhas e também por palavras que as vezes magoaram e incomodaram algumas vezes.

AGRADECIMENTOS

Nesta longa caminhada de 5 anos, houve muitos percalços, dificuldades, tropeços e falhas, algumas que eu por deslize cometi, outros por falta de experiência que como pudemos perceber ao longo do processo foi-se aprimorando e melhorando, então meus sinceros agradecimentos a primeiramente minha família como toda outra não é perfeita, mas que esta sempre junta apoiando e ajudando sempre que necessário, afinal, neste mundo tudo que é mais importante se encontra na família, para depois se estender aos amigos, da escola, do trabalho da faculdade e de diferentes outros lugares por onde a gente passa, aos professores, coordenadores e tutores que me aturaram e que de alguma forma me ajudaram a chegar ao final de mais uma jornada difícil e extenuante, mas ao mesmo tempo gratificante.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. OBEJTIVOS.....	11
1.1 OBJETIVOS.....	12
1.1.1 Objetivo Geral.....	12
1.1.2 Objetivos Específicos.....	12
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1 Bullying.....	13
2.1.1 Conceito de Bullying.....	13
2.1.2 Formas de Bullying.....	15
2.1.3 O Bullying no Ensino Fundamental 1º Ciclo.....	20
2.2 Indisciplina na Escola.....	23
2.2.1 Conceito de Indisciplina.....	23
2.2.2 A Escola Enquanto Espaço de Indisciplina.....	24
2.2.3 O Papel do Professor em Relação à Indisciplina.....	25
3. METODOLOGIA APLICADA.....	30
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
5. CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
APÊNDICES	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico da questão 01 – O que você entende por bullying e quais ações o configuram?

Figura 2 – Gráfico da questão 02 – O que você faria se visse algum aluno praticando bullying e qual seria a sua atitude?

Figura 3 – Gráfico da questão 03 – Você tem aluno que sofre ou tenha sofrido bullying?

Figura 4 – Gráfico da questão 04 – Quais consequências você identificou em seus alunos vítimas de bullying com relação ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor?

Figura 5 – Gráfico da questão 05 – Você acha que há a necessidade de um projeto interventivo contra o bullying nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Figura 6 – Gráfico da questão 06 – Na escola já existe um projeto interventivo contra o bullying, você pode notar algum resultado positivo deste projeto? Quais?

Figura 7 – Gráfico da questão 07 – Como você vê a atuação da direção escolar diante dos eventos envolvendo o bullying na escola?

Figura 8 – Gráfico da questão 08 – A família do aluno que sofre bullying é presente, dá o suporte adequado ao filho nestes casos ou só criam problema?

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de tratar sobre o tema contemporâneo bullying nas escolas, delimitando tal problemática em uma instituição pública nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Tem o intuito de verificar como está sendo tratada essa nova ação indisciplinar pelos professores de Educação Física, verificando se estão capacitados para lidar com este novo fenômeno. Não é difícil de verificar hoje em dia nas notícias a ocorrência de bullying nas escolas pelos colegas, sendo que na verdade, algumas pessoas nem se quer sabem o que significa essa palavra, favorecendo assim a sua disseminação do âmbito social e escolar sem as devidas medidas de coibição pela falta de informação. Outro ponto importante é verificar se a escola conta com um projeto de incentivo ao combate de bullying verificando como as instituições escolares estão se portando quando há a ocorrência de algum tipo de agressão, seja física ou psicológica pela prática de bullying. Diante da pesquisa feita pode-se verificar que realmente os profissionais da área de educação sabem o que realmente significa o bullying e como ela é identificada, apresentando como medidas de coerção o trabalho preventivo, através de informação e orientação aos alunos, pois tal medida trás ótimos resultados nas séries iniciais pela utilização de trabalhos lúdicos, onde as crianças nessa idade tem mais facilidade de guardar informações e de adquirir conhecimentos.

Palavras chaves: Bullying – Professor de Educação Física – Agressão – Indisciplina – Orientação.

1. INTRODUÇÃO

Visando resgatar de forma a conquistar a turma e fazê-la produzir mais do que o esperado, propõe-se o tema “Indisciplina Escolar: Bullying nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental” devido à necessidade de se refletir sobre o comportamento dos estudantes do Ensino Fundamental e ajudá-los a se tornarem mais participativos uma vez que esse estudo servirá de reflexão aos professores que buscam caminhos para amenizar a problemática que se torna crescente e preocupante no âmbito escolar.

Acredita-se que são muitos os fatores que levam a indisciplina dentro e fora da sala de aula. Alguns estão ligados à falta de estrutura familiar, outros à falta de planejamento dos professores em geral e outros devido ao meio em que o aluno está inserido.

Dessa forma, acredita-se que a organização da escola e dos professores por meio de projetos criativos poderia minimizar a situação, partindo do princípio de que os alunos se envolveram e participaram de maneira mais efetiva, se as atividades desenvolvidas forem planejadas e, portanto, mais criativas e mais prazerosas do que a rotina experimentada por eles em sala de aula.

Delimita-se o problema fixando-se na preocupação de focalizar as turmas das séries iniciais nas aulas de Educação Física, uma vez que a família não impõe limites, é ausente e desestruturada principalmente nesta faixa etária.

Mas saber disso não resolve o problema. Com este estudo tenta-se demonstrar que autoridade é diferente de autoritarismo, que é importante compreender e construir pactos com a garotada.

A confiança e respeito mútuo dedicado à criança nesta fase gera o mesmo efeito, com relação ao professor que de certa forma minimiza o problema, haja vista que, onde há respeito há necessariamente disciplina.

Levar este assunto a todos que se fizerem interessados significa bem mais que resgatar valores que estão sendo esquecidos. Baseado na experiência e prática do pesquisador, das muitas falhas encontradas na minimização da violência, a expectativa é que este estudo efetuado

principalmente em salas de séries iniciais diminua, aos futuros professores, problemas relacionados à indisciplina escolar.

Por se tratar de um tema atual e tão importante, o bullying não poderia ficar de fora das pesquisas escolares, tendo em vista que a maior dificuldade dos professores é justamente manter a ordem e o respeito dos alunos dentro e fora da sala de aula.

O esporte é um recurso que o educador encontra para diminuir as desigualdades e mudar o comportamento, através de projetos interventivos que abordem o assunto.

Nesse sentido, a pesquisa será dividida em três capítulos nos quais se discute as concepções sobre alfabetização. Assim como, a indisciplina na escola, e o bullying. Em outro momento, o enfoque é dado à concepção que os professores têm do que são esses conceitos e de quais os desafios encontrados na sua prática escolar.

Espera-se que este trabalho sirva de contribuição para os educadores que atuam nas instituições de ensino, especialmente os professores alfabetizadores, comprometidos com a construção e formação dos alunos.

Este estudo tem como objetivo abordar os pontos positivos e negativos de se trabalhar o tema bullying dentro de uma instituição pública. Resgatar os valores associados à indisciplina, ressaltando as qualidades das crianças como um fator de inter-relação familiar, bem como identificar o centro de interesse como um todo, integrando as crianças no processo de aprendizagem, tornando como exemplo o diálogo como forma de demonstrar autoridade e discutir valores e ética; verificar como as entidades utilizam o potencial de cada indivíduo, tanto o agressor quanto o agredido; verificar se o planejamento do professor contribuiu para minimizar a incidência do problema nas aulas.

E no objeto de estudo verificar-se-á que existe a necessidade de um projeto de observação e de tomada de atitudes que venha a coibir e diminuir a incidência dessa modalidade violenta na Escola Classe 02 do Paranoá.

Os professores da Escola Classe 02 do Paranoá sabem identificar e lidar com a prática de bullying, e qual meio de prevenção é utilizado para que seja coibida tal prática em suas séries iniciais nas atividades relacionadas à atividade escolar?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Identificar a percepção dos profissionais da educação quanto à identificação sobre a prática de bullying e as suas consequências nos alunos do Ensino Fundamental 1º Ciclo nos aspectos cognitivos, afetivo e motor.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Observar o comportamento dos alunos que sofrem bullying;
2. Verificar a existência ou não de um projeto interventivo sobre o bullying nos alunos pesquisados no âmbito escolar.
3. Evidenciar os principais tipos de Bullying praticados no Ensino Fundamental 1º Ciclo e verificar se há a sua ocorrência ou não.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. BULLYING

2.1.1 CONCEITUANDO BULLYING

Embora seja um assunto comentado, falado, estudado e que tem ganhado evidencia no Brasil, o bullying não é algo novo, ele já vem sendo estudado há aproximadamente 30 anos, onde o professor Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, que ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, descobriu que a maioria destes jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça ou abuso, e que bullying era um mal a combater e que poderia ser uma das possíveis causas.

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos pode-se destacar as agressões, os assédios e as ações de desrespeito, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.

Portanto, o termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais.

Desde a década de 80, na Europa, os pesquisadores da mente humana iniciaram a nobre tarefa de nomear determinadas condutas de jovens entre si, dentro de seus universos acadêmicos. Esses estudos fizeram a distinção entre as brincadeiras naturais e saudáveis, extrapolam todos os limites de respeito pelo outro. (SILVA, 2010, p.13)

Ainda, segundo SILVA, 2010:

As brincadeiras acontecem de forma natural e espontânea entre os alunos. Eles brincam, “zoam”, colocam apelidos uns nos outros, tiram “sarros” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando as “brincadeiras” são repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros

atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um (SILVA, 2010, p.13).

Nas brincadeiras normais e sadias, todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação. Nessa situação específica, utiliza-se o termo bullying escolar, que abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas.

As ações realizadas por intermédio do bullying são verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

Uma vez que o bullying é uma violência o autor acima citado distingue as violências no contexto escolar em:

- Violência na escola como aquela produzida dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar;
- Violência à escola estando ligada à natureza e às atividades da instituição escolar (incêndios provocados por alunos, agressões a professores, demais trabalhadores da educação); e
- Violência da escola, violência institucional, simbólica, que os alunos sofrem ou são submetidos (atribuições de notas, palavras e atos considerados pelos alunos como injustos e discriminatórios, castigos, humilhações, entre outros).

O professor precisa organizar as condições externas, favorecendo ao aluno uma maneira de se transformar, e modificar as suas atividades diárias através da convivência com o outro, da relação com o indivíduo diferente de si.

O bullying se torna um tema a ser discutido em sala de aula, pois não existe um padrão de pessoa, todos estão sujeitos a esta pratica cada vez mais difundida entre jovens.

[...] O padrão de problemas de comportamento mostrado por muitas crianças agressivo-rejeitadas (desatenção, afetividade negativa e reação de raiva), é indicativo de deficiências na elaboração das interações. Elas correm o risco de um ajustamento escolar pobre, mais do que a média de escolares evadidos, habilidades sociais deficientes para resolver problemas e alta taxa de indicação de problemas de saúde mental. (SISTO, 2005, p.13).

Portanto, o professor se torna um agente que deve exercer seu papel transformador, usando as condições certas, no projeto escolar, adequando as aulas ao tema, de forma a atingir o objetivo, sem especificar agressor ou vítima. “Se você não souber por que está repreendendo, certamente ele saberá por que está sendo repreendido”. (SILVA, 2010, p. 37).

O *bullying*, que sutilmente vem se disseminando entre os escolares, cresce e envolve, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos. Sua ação maléfica traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provocando um conjunto de sinais e sintomas muito específicos, caracterizando uma nova síndrome denominada Síndrome dos Maus-Tratos Repetitivos. (FANTE, 2005, p. 9).

2.1.2 FORMAS DE BULLYING

De acordo com SILVA, 2010, algumas atitudes podem se configurar em formas diretas ou indiretas de praticar o bullying. Porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos bullying costumam vir em “bando”. Essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar das mais variadas forma, como as listadas a seguir:

Verbal

- Insultar
- Ofender
- Xingar
- Fazer gozações
- Colocar apelidos pejorativos
- Zoar

Físico e Mental

- Bater
- Chutar
- Espancar
- Empurrar
- Ferir
- Beliscar
- Roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima
- Atirar objetos contra as vítimas

Psicológico e Moral

- Irritar
- Humilhar e ridicularizar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso

- Discriminar
- Aterrorizar e ameaçar
- Chantagear e intimidar
- Tiranizar
- Dominar
- Perseguir
- Difamar
- Passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo
- Fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas)

Sexual

- Abusar
- Violentar
- Assediar
- Insinuar

Virtual

Os avanços tecnológicos também influenciam esse fenômeno típico das interações humanas. Com isso novas formas de bullying surgiram através da utilização de aparelhos e equipamentos de comunicação (celular e internet), que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de bullying é conhecida como cyberbullying.

De modo geral, as vítimas típicas do bullying escolar são alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. São tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas.

Normalmente essas crianças ou adolescentes “estampam” facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação motora, baixa autoestima, ansiedade excessiva, dificuldades de se expressar. Por apresentarem dificuldades significativas de se impor ao grupo, tanto física quanto verbalmente, tornam-se alvos fáceis e comuns dos adolescentes, diz SILVA (2010, p.38).

SILVA, (2010) cita algumas características das vítimas típicas do bullying:

- No recreio, encontram-se frequentemente isoladas do grupo ou perto de algum adulto que possa protegê-las: professor, inspetor, cantineiro etc.;

- Na sala de aula, apresentam postura retraída. Têm extrema dificuldade em perguntar algo ao professor ou emitir sua opinião para os demais alunos. Deixam explícitas suas inseguranças e ansiedades;

- Mostram-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas;

- Aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares (isso também inclui perdas constantes de seus pertences, especialmente materiais didáticos);

- Ocasionalmente, nos casos mais dramáticos, apresentam hematomas (contusões), arranhões, cortes, ferimentos, roupas danificadas ou rasgadas.

Já os agressores podem se utilizar do sexo. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico.

O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de destruição ganha reforço exponencial o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas.

Para SILVA (2010), os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente

estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado.

O referido autor ressalta também que:

O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles. Muitos apresentam, nos estágios iniciais, rendimentos normais ou acima da média. O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. Nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros podem ser observadas desde muito cedo (por volta dos 5 a 6 anos). Essas ações envolvem maus-tratos a irmãos, colegas, animais de estimação, empregados domésticos ou funcionários da escola. (SILVA, 2010, p. 44)

Os agressores começam com brincadeiras de mau gosto, que rapidamente evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos. Colocam apelidos pejorativos e ridicularizantes, com explícito propósito maldoso. Fazem ameaças diretas ou indiretas, dão ordens, dominam e subjugam seus pares. Perturbam e intimidam, utilizando-se de empurrões, socos, pontapés, tapas, beliscões, puxada de cabelos ou de roupas. Estão sempre se envolvendo, de forma direta ou velada, em desentendimentos e discussões entre alunos, ou entre alunos e professores.

Há, também, os espectadores, ou seja, aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso. Não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores.

Os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques de bullying. Nesses casos, a omissão, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de bullying.

Portanto, identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o bullying.

Cabe aos pais, diretores, supervisores, orientadores, professores, inspetores e funcionários que cuidam do espaço físico e de toda a engrenagem funcional e administrativa da instituição, desenvolver um olhar mais atento para todas as suas atitudes que possam exprimir um comportamento defensivo em relação às dificuldades psicológicas vividas no dia a dia. Tanto os adolescentes que se expressam de forma reativa quanto os que agem passivamente apresentam problemas disfuncionais, que podem gerar sofrimentos para si mesmos ou para os fazem parte de seu círculo de convivência.

Segundo SILVA (2010), o bullying é, antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo e de responsabilidade de todos nós. Nesse sentido, a escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados.

Todavia, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência no dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços.

2.1.3. O Bullying no Ensino Fundamental 1º Ciclo

Indiferentemente do que podemos pensar esta fase da educação não está livre das consequências e ataques do Bullying. Em uma fase em que a criança procura sua afirmação no mundo e no contexto escolar determinados tipos de ataques podem deixar sequelas alterando comportamentos, desempenho escolar, além de possivelmente provocar distúrbios alimentares e no sono da criança e do adolescente.

Durante o horário recreativo e nas aulas de Educação Física, onde os professores também pesam por atividades recreativas estas crianças procuram ficar isoladas dos demais membros da turma, se retraindo e dificilmente demonstram vontade e inspiração para participar de alguma atividade proposta pelo(a) professor(a).

As crianças que recebem um número maior de ataques de Bullying durante estas atividades em sua maioria são alunos que estão acima do peso, que possuem menor capacidade em executar determinada atividade proposta, mais fracas e lentas, que tenham maiores dificuldades com lateralidade e não possuem boa resposta motora diante dos exercícios e demais atividades desenvolvidas no decorrer do período recreativo seja ele no horário intervalado do recreio ou mesmo nas atividades físicas conhecidas como recreação dirigida.

Entre os diferentes tipos de insultos e ocorrências praticadas durante o período recreativo e a atividade recreativa dirigida estão os ataques verbais, físico, psicológico e mental.

Verbal

- Insultar
- Ofender
- Xingar
- Fazer gozações
- Colocar apelidos pejorativos
- Zoar

Físico

- Bater
- Chutar
- Empurrar
- Ferir

- Beliscar

Psicológico e Moral

- Irritar
- Humilhar e ridicularizar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso
- Discriminar
- Aterrorizar e ameaçar
- Tiranizar

Mesmo que durante o recreio dirigido haja um consenso entre os profissionais de que devem estar sempre de olho nos seus alunos durante este período, acontecem os ataques e conseqüentemente o trauma no aluno. As escolas são grandes possuem um número pequeno de pessoas que estão envolvidas na sua monitoração e um espaço muito grande para que possa ser completamente observado, mas mesmo assim pode se perceber que os profissionais que estão ali fazem sua parte da melhor maneira possível, cabendo assim aos pais auxiliarem aos professores, a escola e principalmente seus filhos da melhor forma possível, orientando e auxiliando participando mais ativamente da vida escolar.

A escola deve ser um ambiente que possibilite um espaço positivo na construção de relações sociais, se tornando um espaço de respeito onde às individualidades sejam respeitadas da forma como estão em que aqueles que fazem parte de seu contexto se sintam bem e queiram estar ali todos os dias até o momento em que este não possa mais ser atendido, e mesmo quando sair daquele ambiente sinta orgulho de ter feito parte daquele lugar e não que saia com lembranças traumáticas e que queira manter a maior distância possível dos seus antigos algozes.

2.2. INDISCIPLINA NA ESCOLA

2.2.1 CONCEITO DE INDISCIPLINA

Para compreender o sentido da palavra indisciplina fez-se necessário buscar em alguns autores o seu significado. “Disciplina é cognato de ‘discipulus’ que significa ausência, negação, privação. Entende-se assim que o discípulo recebia do mestre, o ensino e a educação no decorrer do processo escolar”. (AQUINO, 1996, p. 23)

Buarque reserva para os conceitos de indisciplina, disciplina e violência, algumas definições, tais como:

Todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião" constituir-se-ia em *indisciplina*. A *disciplina* enquanto "regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização militar e escolar", implicaria na observância a preceitos ou normas estabelecidas. A *violência*, por sua vez, seria caracterizada por qualquer "ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral. (BUARQUE. 1998, p.14).

“Educar exige, ao mesmo tempo, criatividade, flexibilidade, escuta e limite”. (ANDRÉ, 1999, p. 136). Na teoria, isso parece fácil, mas na prática, não o é, haja vista que muitas vezes desprovido da falta de informações que o aluno carrega consigo o professor não consegue muitas vezes levar para dentro da sala de aula todas estas habilidades.

As dificuldades são tamanhas, pois pode ocorrer também do professor e escola não possuírem uma pedagogia ou uma psicologia adequada para lidar com as mais diversas situações.

A disciplina em sala de aula, esta relacionada à prática docente. Dessa forma, os professores que melhor conseguem este controle são aqueles que dominam o conteúdo que ensinam, adaptam seus procedimentos de ensino

pautados no interesse, necessidades e conhecimento da realidade de seus alunos; estão abertos ao diálogo e demonstram compromisso, postura ética e competência.

2.2.2 A Escola Enquanto Espaço De Indisciplina

A escola, enquanto espaço de indisciplina, é percorrida por um movimento triplo: de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, por outro pela família, e, de outro, pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de ideias, palavras e sentimentos numa fusão provisória e conflitual.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. (AQUINO, 1996 p.175).

Compreendem-se algumas formas de indisciplina que dinamizam a vida cotidiana da escola, é preciso apreender, na ambiguidade desses fenômenos, seus modos específicos de manifestação. Ressalta CANDAU, 1999, que:

A classe é o lugar onde se tece uma complexa rede de relações. Mas na medida em que o professor não consegue perceber essa teia ele concentra os conflitos ou na sua pessoa, ou em alguns alunos, não os deslocando, portanto, para o coletivo. Como não há reversibilidade de posições, forma-se uma rígida divisão entre aquele que sabe e impõe e aquele que obedece e se revolta. Dessa forma, cada um passa a ser movido por uma ordem, por uma obrigação que é imposta e não incorporada. (CANDAU, 1999, p.54).

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranquilidade da permanência neste lugar. Ao mesmo tempo que, a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo,

pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.

Na sua ambiguidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões do controle homogeneizador imposto pela escola. Tanto nas brigas (envolvendo alunos, professores, diretores e família) como nas brincadeiras, existe uma duplicidade que, ao garantir a expressão de forças heterogêneas, assegura a coesão dos alunos, pois eles passam a partilhar de emoções que fundam o sentimento da vida coletiva. (AQUINO, 1999, p.157).

É importante frisar que, sem escola, não há a possibilidade de o cidadão ter acesso, de fato, aos seus direitos constituídos. Afinal, tornar-se cidadão não se restringe ao direito do voto, por exemplo, mas inclui direitos outros com vistas a uma vida com dignidade e isso tudo tem a ver mediatamente com escola, pois quanto menor for à escolaridade da pessoa, menores também serão suas chances de acesso às oportunidades que o mundo atual oferece e às exigências que ele impõe.

Na própria maneira de entender o fenômeno disciplinar, pode-se observar que as hipóteses explicativas empregadas usualmente acabam reiterando alguns preconceitos, muitos falsos conceitos e outras tantas justificativas para o fracasso e a exclusão escolar. Encontram-se razões à profusão, mas alternativas concretas de administração, como se sabe, são raras. A tarefa, então, a partir de agora passa a ser a de se examinar concretamente os argumentos que sustentam tais hipóteses.

2.2.3 O Papel do Professor em Relação à Indisciplina

Os alunos "problemáticos" do ponto de vista disciplinar costumam apresentar uma trajetória escolar interrompida em alguns momentos, seja porque foram "convidados a se retirar" de alguma escola, repetiram o ano ou decidiram abandonar os estudos por algum tempo, ainda que na maior parte das vezes fenômenos como repetência e evasão sejam antes fruto de pressão

financeira ou de desinteresse por parte do aluno do que sintoma de desvio disciplinar.

É neste contexto que busca a luz de alguns autores explicações plausíveis para esta pesquisa. Segundo Aquino, a vida cotidiana da escola é permeada de algumas formas de violência e indisciplina e para amenizá-las:

É preciso apreender, na ambiguidade desses fenômenos, seus modos específicos de manifestação. Não é meu objetivo valorizar esteticamente a violência, nem defender uma escola sem regras, mas apontar a existência de uma lógica interna aos fatos que ofereça uma pista para encontrarmos alternativas pedagógicas de negociação com os conflitos. (AQUINO, 1998, p.115).

Quando o professor experimenta a ambiguidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel. Isso não significa que a paz reinará na escola, mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras comuns - os limites do fechamento e de tolerância. Portanto, nem autoritarismo e nem abandono. O professor ocupa o seu lugar limitador, mas ele também abre brechas que permitirão ao aluno negociar e viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar-escola e o nós alunos.

Segundo CHAUI, 1980, a pedagogia escolar é:

(...) violenta quando se utiliza da memória para que alunos e professores, ao se recordarem do saber já feito, dos acontecimentos já realizados, submetam-se a um modelo que dita as normas do conhecer e do agir. O presente fica reduzido ao que já foi pensado, dito e feito. (CHAUI, 1980, p. 46)

Ao se falar sobre o exercício da autoridade, portanto, antes, de mais nada é necessário analisar o contexto em que o professor está inserido. E o contexto hoje é de crise de valores, e da crença, cada vez maior, na eficácia de um autoritarismo sutil, diferentemente dos padrões antigos, de força e de violência explícita.

Esse novo modelo de autoritarismo, entretanto, pode tornar-se difícil de ser distinguido por quem a ele é subordinado. A indisciplina, portanto, pode vir a ser uma consequência. O que fazer, então, um professor diante de uma sala indisciplinada, sem recorrer aos modelos antigos e criticados pela sociedade atual, e ao mesmo tempo sem afastar-se de sua tarefa e objetivo principal de ensinar educando, formando o futuro profissional e cidadão?

Na verdade, os tais "alunos-problema" podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme, e que se possa alcançar uma possível excelência profissional. O que se busca, no caso de um exercício profissional de qualidade, é uma situação-problema, para que se possa, na medida do possível, equacioná-la, suplantá-la - o que se oportuniza a partir das demandas "difíceis" da clientela.

Pois bem, o que fazer, então? Um primeiro passo, para reverter essa ordem de coisas talvez seja repensar os posicionamentos, rever algumas supostas verdades que, em vez de nos auxiliar, acabam sendo armadilhas que apenas justificam o fracasso escolar, mas não conseguem alterar os rumos e os efeitos do trabalho cotidiano.

Ao analisar a violência escolar, ZALUAR, 1995, aponta:

No caso brasileiro, o quanto o uso da força substituiu a autoridade, fazendo-a fracassar. Somente era e é obedecido quem consegue se impor pelo medo. Civilidade, respeito mútuo, espírito público dão lugar à rispidez, à incapacidade de negociar diferenças e conflitos, aumentando a violência na sociedade. (ZALUAR, 1995,p.694-714).

MELUCCI e FABBRINI expõem a sua compreensão de adolescência dizendo que ela é um primeiro momento da juventude. Dessa forma, segundo os autores, a adolescência:

Não pode ser vista somente como fase de transição entre a infância e a vida adulta, como meta última da maturidade, mas como um período do ciclo vital no qual há processos específicos de transformação que investem as dimensões mental e corpórea, as relações com os outros e com o mundo. Através dessas mudanças se tornam visíveis uma organização da vida afetiva, modelos de pensamento, formas de relações, que vêm em primeiro plano, renegando temporariamente ao fundo outras partes da experiência. (MELUCCI; FABBRINI, 1992, p. 25)

“A categoria moratória social merece destaque porque ela explica, com muita propriedade, questões sociais da juventude das classes médias e da elite”. (MARGULIS, 1997, p. 146). Estudos sociológicos têm mostrado que a juventude depende de dinheiro e de tempo - uma moratória social - para viver um período mais ou menos prolongado com relativa despreocupação e isenção de responsabilidades.

Esse tempo legítimo de permissividade e legitimidade, proporcionado pela família, é aquele dedicado a estudar e se capacitar e durante o qual a sociedade os brinda com uma especial tolerância. Mas a moratória é privilégio, geralmente, dos jovens de classes médias, cujas famílias têm a possibilidade de lhes oferecer estudos prolongados e retardar seu ingresso nas responsabilidades da vida adulta como o trabalho e o casamento. (MCCAFFREY, 1999, p. 27).

O referido autor aborda também a moratória vital, que seria:

Uma espécie de complemento do conceito de moratória social. A moratória vital é crédito temporal, um algo a mais e que tem vinculações com o aspecto energético do corpo. Essa moratória se identifica com a sensação de imortalidade tão própria dos jovens. Essa sensação e essa forma de se situar no mundo se associam com a falta de temeridade de alguns atos gratuitos; com condutas autodestrutivas, que colocam em risco a saúde que eles julgam inesgotável; com a audácia e o lançar-se em desafios; e com a exposição a acidentes, e a excessos de todo tipo. A esse respeito corre a mitologia da cultura juvenil de valorizar o morrer jovem, ou seja, morrer jovem para não envelhecer, para permanecer sempre jovem e, portanto, imortal. Essa moratória é comum aos jovens de todas as classes sociais e está vinculada à ideia do risco. (MCCAFFREY, 1999, p. 11-17).

A classe social em análise é frequentemente anunciada no plural pela diversidade de agrupamentos que ela abrange. OLIVEIRA (1999) se refere metaforicamente às classes médias como a cabeça da Medusa, porque, assim como desta nascem mil serpentes, também na sociedade surgem classes médias com formas, expressões, ramificações e aparências multiplicadas e diferenciadas. Tentar definir o que são as classes médias é um problema porque há uma imprecisão decorrente do fato de elas serem heterogêneas.

NOGUEIRA (1991 e 1998) traz valiosas contribuições, com seus estudos sobre as estratégias e comportamentos das famílias pertencentes a diferentes classes sociais em relação à escolaridade e ao destino profissional de seus filhos. Segundo a autora, o comportamento de escolha da escola adotado pelas famílias varia de um grupo social para outro. As elites optam pela escola privada e utilizam estratégias “de distinção” a fim de assegurarem aos filhos a frequência a estabelecimentos altamente seletivos e prestigiosos. As classes médias, quando podem, optam pela escola particular, mas quando não, partem para a escola pública escolhida e utilizam as estratégias “de evitamento”, ou seja, evitam certas unidades escolares situadas em bairros populares, com clientela de nível socioeconômico baixo e/ou com ensino de má qualidade.

Contudo, num estudo como este, que aborda questões educacionais, há que se reconhecer como já indicou Aquino, a importância do estudo clássico, pois ele afirma que a moderna divisão de trabalho exige uma especialização de competências. Com essa afirmação, está indicando que a escola é a responsável por essas diferentes qualificações e competências. A nova classe média analisada se insere no mercado de emprego graças a uma passagem mais ou menos prolongada pela escola. “Os alunos da classe média, cientes disso, fazem da escola um instrumento para concretizar seu projeto. Esses alunos tendem a estabelecer uma relação pragmática com a escola”. (DUBET, 1991, p.12).

Portanto, o que se verifica, é que a escola por ser um palco propenso para a prática desse novo modo de indisciplina que é o bullying, deve estar preparada para saber coibir tal prática, seja através dos seus professores ou através de projetos interventivos que sejam eficazes para detectar as formas de bullying nas séries iniciais para que não haja um impacto ainda maior na vida social e escolar da criança que está em seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

3. METODOLOGIA APLICADA

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, de natureza analítico-descritiva e com análise da bibliografia formal, discursiva e concludente sobre a indisciplina e o bullying na sala de aula em uma instituição pública.

Com esse propósito foi realizada a revisão do acervo bibliográfico nas bases de dados disponíveis em bibliotecas virtuais e sítios da rede mundial de computadores. O estudo identificará junto aos professores alfabetizadores qual a concepção que os mesmos têm a respeito do bullying em foco na indisciplina dentro e fora da sala de aula, bem como analisará a importância do envolvimento dos pais e da família como base para a aprendizagem e quais os desafios que encontram em viabilizar esse processo na escola.

As observações e análises das situações que podem provocar a incidência de bullying foram aferidas no período de aula em que compreende a recreação específica das turmas de Ensino Fundamental no primeiro ciclo, turmas de 2º ao 5º anos, no horário dos recreios coletivos e também na área apropriada para recreação dos alunos de alfabetização que é o parquinho escolar.

Para a realização de tal pesquisa foi disponibilizado para assinatura dois documentos formais dando autorização para a realização da observação dos alunos e do espaço da escola além da divulgação da pesquisa, sendo assim, foram assinados o termo de consentimento livre e esclarecido e o termo de concordância e aprovação no Comitê de Ética, ambos por doze professores entrevistados e pela diretora da escola, conforme documentos em apêndice A e B.

Foi utilizada como objeto de observação a Escola Classe 02 do Paranoá, localizada na Quadra 30, Conjunto E, Lote 17. Tal instituição atende crianças de 6 a 14 anos nas séries iniciais da alfabetização, 1º ao 5º ano, com 44 turmas em dois turnos, 22 no matutino e 22 no vespertino, onde as turmas de Integração inversa possuem de 15 a 18 alunos, dependendo se ela é do BIA ou não, 23 a 28 alunos em turmas inclusivas, onde haja alunos PNE e 28 a 32

alunos em turmas com o total de alunos normalizada, representando aproximadamente 1100 alunos.

De forma específica foi alvo deste estudo 8 turmas de 2º ao 5º ano escolhidas aleatoriamente na Escola Classe 02 do Paranoá, sendo duas turmas de cada ano, uma no período matutino e outra do período vespertino, através de questionário específico oferecido ao professor que se mostrar disposto a participar, não participando da pesquisa membros da gestão escolar tais como: diretor(a), vice-diretor(a), supervisor(a) administrativo(a), e pedagógico, bem como coordenadores, orientadores educacionais, secretário escolar e seus auxiliares, monitores escolares, membros efetivos ou terceirizados da higiene e alimentação, segurança escolar, professores readaptados e em LTS (licença para tratamento de saúde), professores que estejam em substituição inferior a 30 dias, professor que estiver gozando de licenças prêmio e maternidade, enfim somente participara deste processo professores em efetivo exercício de sala de aula.

Na tentativa de identificar as causas de indisciplina na escola, esta pesquisa lança mão de três procedimentos para coleta de dados: observações, grupo focal e entrevistas conversacionais. Para se chegar aos resultados satisfatórios da pesquisa utilizou-se um questionário contendo dez perguntas, conforme instrumento em apêndice C, onde a partir de tais informações foi possível retirar conclusões sobre o conhecimento dos doze professores entrevistados, onde somente sete responderam, quanto à indisciplina do bullying, fazendo um levantamento de todas as respostas e dispondo por meio de gráficos o quantitativo das análises levantadas.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 Análise e discussão dos resultados

Para a realização da análise dos dados coletados como seus resultados obtidos, foram considerados aspectos relativos ao conhecimento dos educadores sobre a questão do bullying e como estão se portando quando há a ocorrência desta prática junto aos alunos, verificando também o comportamento destes no decorrer do seu aprendizado.

Os dados foram coletados na forma de entrevistas com a elaboração de um questionário com dez perguntas que fora direcionado para o número de doze professores onde só 07 (sete) professores da escola Classe 02 do Paranoá dos alunos do Ensino Fundamental responderam. Sendo assim, a referida coleta de dados chegou aos seguintes dados através dos gráficos a seguir que demonstra os dados estatísticos baseado nas respostas dos professores.

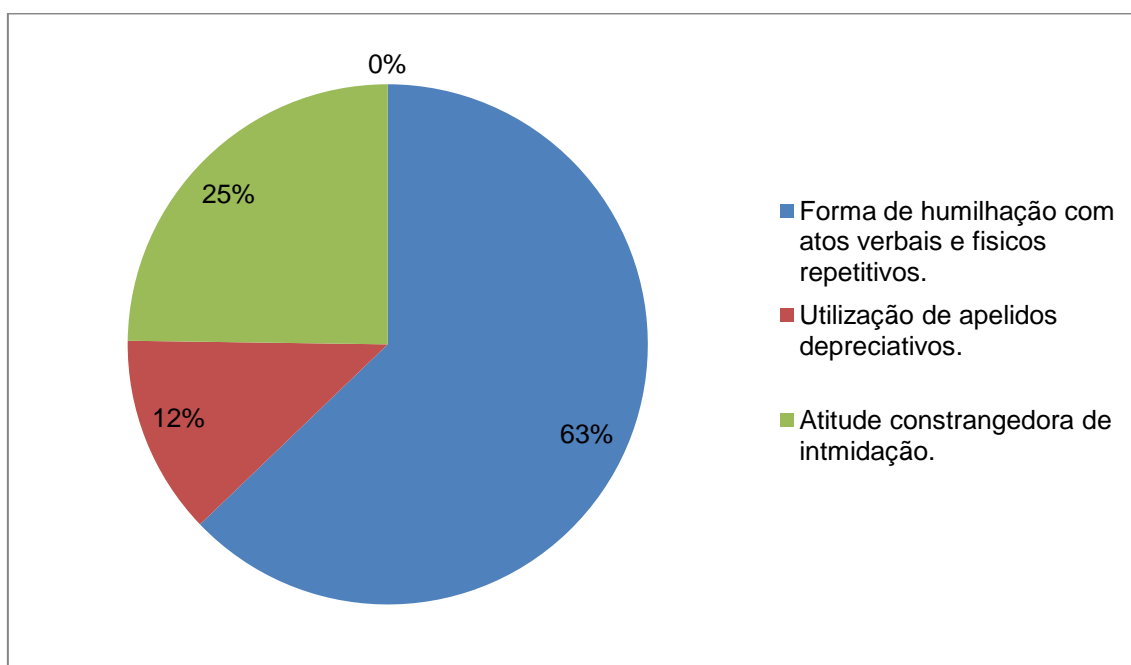


Figura 1: Entendimento dos entrevistados sobre o bullying.

O primeiro questionário feito aos professores teve o intuito de verificar o conhecimento destes sobre o que seja Bullying e se conseguiam identificar essas ações durante a realização do seu trabalho de educador, pois mesmo sendo algo que está bastante em destaque muitas pessoas e profissionais da educação não sabem realmente ao certo o que seja essa prática.

Diante das respostas apresentadas pelos sete educadores do Ensino Fundamental da Escola Classe 02 do Paranoá, conforme demonstra acima, uns responderam no sentido de ser uma forma de humilhação com a utilização de atos verbais e até mesmo de agressões físicas de forma repetitivas, fazendo com que a criança que sofra o bullying se sinta reprimida e excluída do seu grupo de amigos.

O autor FANTE, 2005, define o fenômeno bullying como sendo algo novo e velho ao mesmo tempo, senão vejamos:

O bullying é considerado um mal-estar que apresenta na perspectiva oculta, no desconhecimento e na indiferença, tendo sua força na ausência de valorização pessoal, fruto do desenvolvimento social, emocional e intelectual inadequado daqueles que sofrem e padecem como vítimas desse fenômeno novo e velho ao mesmo tempo (FANTE, 2005, p.29).

É possível verificar no gráfico acima que somente um percentual médio dos professores respondeu que o bullying se caracteriza como a utilização de apelidos depreciativos, algo que é percebido na grande maioria das escolas pelas crianças que se utilizam de apelidos como “baleia” para o colega que é acima do peso, “neguinho” para o outro que é da cor negra, e aí por diante vão surgindo vários tipos de apelidos com o intuito de taxar aquela criança com algo depreciativo, pejorativo, favorecendo ainda mais a exclusão do aluno em seu meio social.

Outra definição dada ao bullying por alguns dos entrevistados foi de ser uma atitude que tende a constranger e intimidar o agredido fazendo com que ele fique isolado e retraído, não tendo mais a o intuito de se relacionar-se socialmente com os outros colegas pois terá o receio de ser reprimido ou agredido novamente.

O bullying vem recebendo várias definições, mas todas se convergem a um mesmo fim, sendo uma agressão sistemática e intencional, conforme as palavras do autor SANCHES, 2008, que define este fenômeno da seguinte forma:

Agressão sistemática e intencional entre alunos sem motivo necessariamente aparente. Esta atitude agressiva o próximo pode vir de diferentes estímulos, muitas vezes relevantes: por torcer por um time de futebol, estilo de roupa, tipos de música ou mesmo o local onde mora, já é motivo para prática do *bullying*.(SANCHES, 2008, p.91).

Assim, verifica-se que os educadores entrevistados tem uma noção clara do que venha a ser o ato de bullying estando preparados para identificar estas ações e coibi-las imediatamente, pois os alunos do Ensino Fundamental se encontram em uma idade que requer uma atenção em suas atitudes comportamentais, pois se não forem logo constatadas e tratadas este será um indivíduo com alta probabilidade de ser problemático.

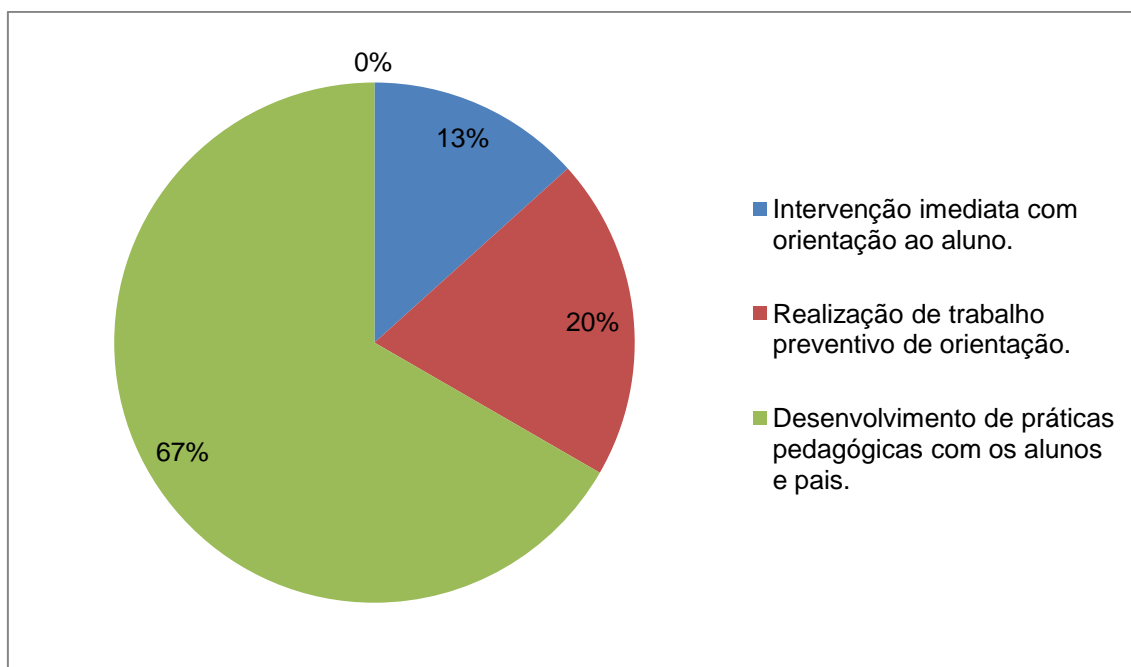


Figura 2: Verificar qual a atitude do professor ao presenciar uma aluno praticando bullying.

Dentro dessa pergunta, procurou verificar o comportamento que os professores têm ao se deparar com a ocorrência de uma ação de bullying, verificando se estão preparados pedagogicamente para lidar com tal situação através de que atitudes. Diante das respostas apresentadas, professores responderam no sentido da necessidade da intervenção imediata com a devida orientação de ambos os alunos, tanto agressor como agredido, para que naquele momento haja a reparação da ação não deixando que aquilo se transforme em uma mágoa ou em qualquer outro tipo de sentimento negativo, mesmo porque como os alunos estão em formação, a melhor forma de educar e de corrigi-los se faz de forma presente com a devida orientação e repressão.

Outros educadores responderam à referida pergunta apontando para a necessidade da realização de um trabalho preventivo fazendo com que os alunos saibam como se realizam o bullying e percebam que não é uma atitude muito boa podendo ter consequências gravíssimas. Assim, a maior ferramenta para resolução de um problema é a informação, devendo no presente caso de bullying, ser realizada por meio de debates, discussões, internet, orientações, entre outros meios que possam informar ao aluno sobre esta prática corriqueira nas escolas.

Outro ponto interessante foi a resposta dada por outros professores entrevistados que citaram a necessidade do desenvolvimento de práticas pedagógicas tanto com os alunos como com os pais, pois não é só no âmbito escolar que a criança pode ser vítima de bullying, mas também no próprio ambiente familiar. Assim, é preciso que ambos estejam bem orientados para poder identificar e coibir a prática de bullying não só na sala de aula, mas em todo local.

Corroborando com as respostas dos entrevistados a autora HAMZE, 2013 enfatiza a necessidade de intervenções de forma imediata e eficaz que impeçam consequências futuras mais traumáticas, dizendo o seguinte:

Quando não há intervenções eficazes contra o BULLYING, o espaço escolar torna-se totalmente corrompido. Todas as crianças são afetadas, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Os alunos que sofrem BULLYING, dependendo de suas características individuais e dos meios em que vivem principalmente os familiares, poderão não ultrapassar os traumas sofridos na escola.

Poderão quando adultos apresentar sentimentos negativos, especialmente com baixa autoestima, tornando-se indivíduos com sérios problemas de relacionamento. Poderão adquirir, também, um comportamento hostil. (HAMZE, 2013)

Assim a forma de agir dos professores no momento em que há o cometimento da referida ação e de suma importância, favorecendo que a criança agredida tem um crescimento saudável.

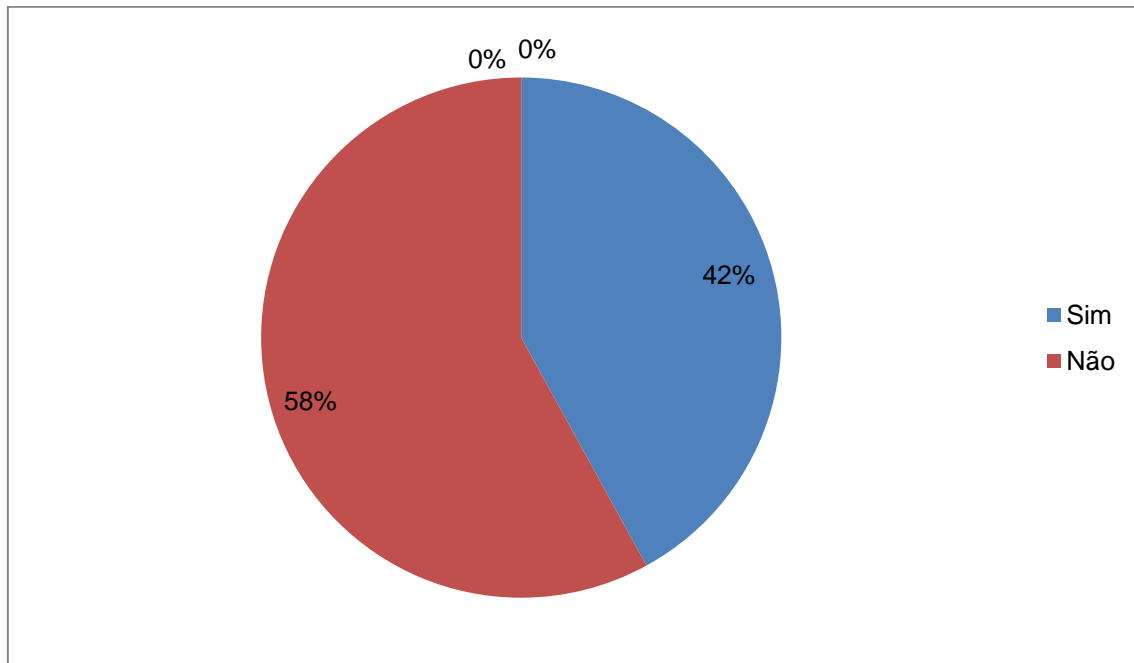


Figura 3: Se os entrevistados tem aluno que sofre ou tenha sofrido bullying.

Esta pergunta teve o fim de verificar se os professores possuíam alunos vítimas de bullying, sendo que um número menor deles respondeu afirmativamente e um número maior deles negativamente. Tal resultado foi possível pelo fato de alguns professores responderem que quando era percebida alguma atitude de bullying, já era de imediata coibida não chegando nem mesmo a sua ocorrência, sendo que um dos entrevistados relatou que diante de uma situação em que um de seus alunos ia realizar tal prática, de imediato repreendeu seu aluno o orientando sobre a sua conduta para com seu colega. Outros informaram que não presenciaram nenhum tipo de atitude de seus alunos que pudesse configurar o bullying pelo fato de estar sempre realizando um trabalho preventivo de orientação.

Diante disso verifica-se que não são todas as escolas que existe essa prática indisciplinar, mesmo porque existem escolas com orientações pedagógicas eficazes que realizam trabalhos preventivos de orientação e observação para que coíba esta ação, sendo que até mesmo os professores possuem um papel mais do que importante nestas estáticas sendo que são estes os responsáveis pela educação e pelo crescimento social do aluno no âmbito escolar.

Em reportagem do sítio de notícias do G1 da Globo.com, do dia 15 de junho de 2010, demonstrou que em pesquisa do IBGE que Brasília é campeã da ocorrência de bullying nas escolas, apresentando a seguinte reportagem:

Pesquisa realizada pelo IBGE apontou Brasília como a capital do bullying. Segundo o estudo, 35,6% dos estudantes entrevistados disseram ser vítimas constantes da agressão. Belo Horizonte, em segundo lugar com 35,3%, e Curitiba, em terceiro lugar com 35,2 %, foram, junto com Brasília, as capitais com maior frequência de estudantes que declararam ter sofrido bullying alguma vez. (Sítio G1, 2010)

Assim, fica claro diante do gráfico que, mesmo com estes trabalhos pedagógicos na tentativa de impedir o surgimento do bullying existem casos, mesmo que silenciosos, de alunos que se sentem humilhados por outros colegas, mas que ficam com medo ou receio de informar aos professores para que haja a sua interferência e seu total apoio para lidar com tal ato não havendo qualquer tipo de choque comportamental futuro.

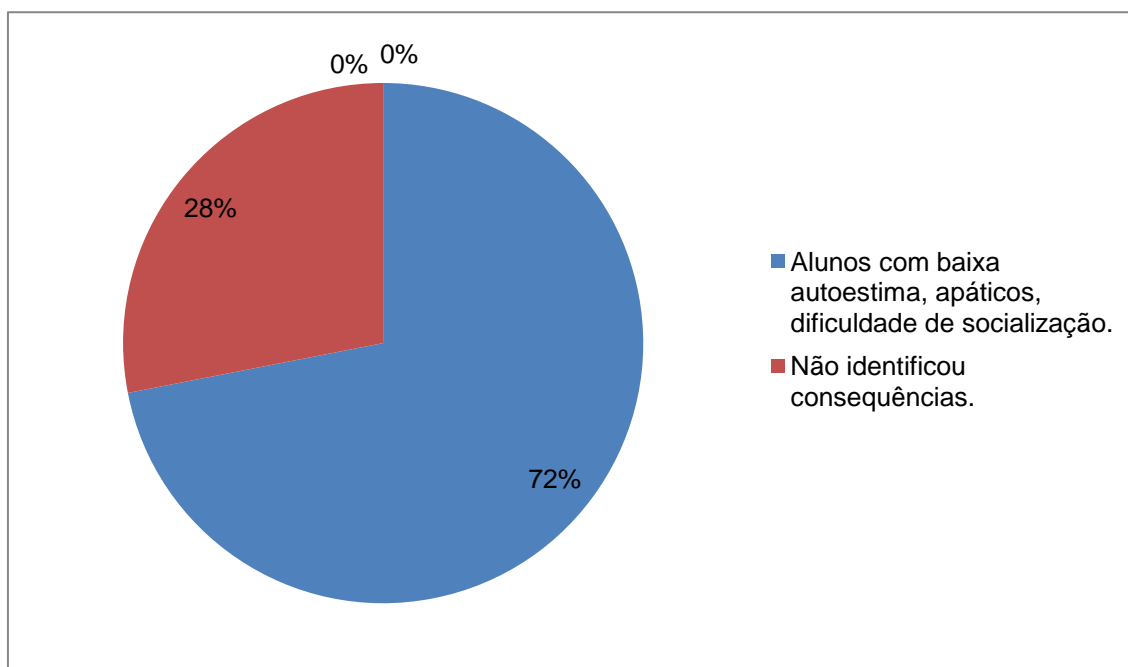


Figura 4: Consequências nos alunos vítimas de bullying com relação ao desenvolvimento cognitivo, afetivo motor.

Referente a essa pergunta pretendeu-se analisar se os professores perceberam algum tipo de interferência no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dos alunos que sofreram bullying, sendo que apenas alguns professores souberam responder e outros não identificaram qualquer tipo de consequências.

Assim, diante do gráfico acima os professores responderam que a criança que sofre bullying acaba tendo sérios distúrbios em seu desenvolvimento mental, social e físico, mesmo porque tal ação afeta profundamente o modo de agir e pensar da pessoa, que acaba se tornando um aluno com baixa autoestima, fica de forma apática nas aulas sem qualquer tipo de participatividade gerando assim uma grande dificuldade de socialização e de insegurança em seus relacionamentos, seja na escola ou em seu lar.

Dessa forma, as consequências do bullying na vida de uma criança em formação acabam acarretando problemas futuros de grande gravidade, pois se

não for tão logo identificada e coibida a prática indisciplinar em tela, mais difícil será a sua ressocialização e recuperação.

O autor MEIRA, 2011, em sua reportagem para a “Canção Nova” apresentou como consequências do bullying são de índole emocional e física, conforme se demonstra abaixo:

De acordo com o psicólogo Marcos Uriostes, as consequências são basicamente duas: física e emocional. "A personalidade de cada um já é resultado dos modos de interação com a família, a sociedade, e as referências que daí surgem e vão nos formando. Imagine então o transtorno causado por uma ação, como o *bullying*, que já tem a característica da deformação propriamente dita? Quem passa por isso pode ter diversos problemas, desde a evasão da escola até a intimidação no relacionamento inter-pessoal", explica.(MEIRA, 2011)

Já o número de educadores que responderam que não puderam identificar qualquer tipo de consequências é algo que exige uma atenção, pois tais profissionais não estão sabendo lidar ou até mesmo identificar na prática se está havendo bullying ou é apenas uma brincadeira de criança. Por isso que o essencial é a realização de trabalhos de orientação não só dos alunos e dos pais como foi tratado no gráfico 02 (dois), como também do próprio professor, que receba a orientação pedagógico correta para saber lidar com essa nova situação não deixando de perceber quando algo de errado está ocorrendo com o aluno.

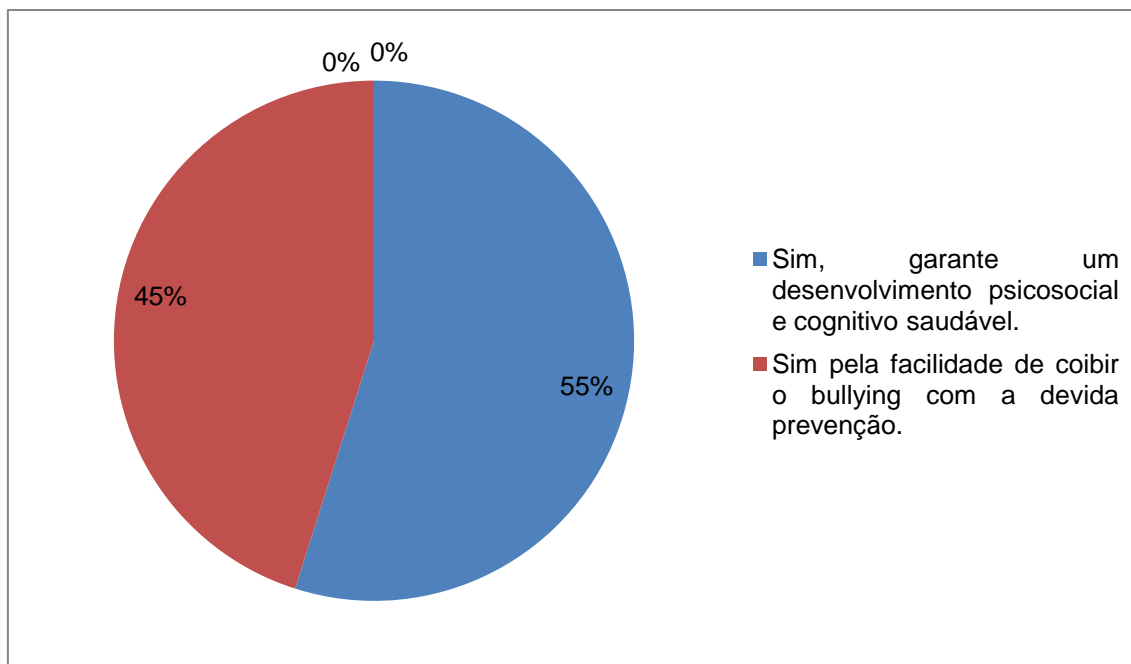


Figura 5: Verificar se há a necessidade de um projeto interventivo contra o bullying nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante do questionamento levantado todos os professores apresentaram respostas afirmativas sobre a necessidade de um projeto interventivo nas séries iniciais, sendo que certos professores responderam no sentido de que tais medidas garantem um desenvolvimento psicossocial e cognitivo saudável, pois havendo a intervenção imediata no início do seu desenvolvimento garante que aquela criança não irá possuir sequelas nem traumas por ter sofrido bullying, favorecendo o seu pleno desenvolvimento social.

Tal medida de coibição do bullying nas séries iniciais é de fundamental importância pelo fato da facilidade da forma de prevenção através de trabalhos lúdicos, conforme estabelece PEDRA 2008:

De acordo com Pedra (2008), as atividades em salas de aula em forma de redação onde os alunos são estimulados a falar no anonimato sobre a sua vida na escola, ou seja, seu relacionamento com os colegas ajudará a romper o silêncio e possibilitará a expressão de emoções e sentimentos. (...) na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental é primordial trabalhar por meio de histórias ou fábulas que trabalhem o preconceito ou qualquer outra forma de exclusão e discriminação. (PEDRA, 2008)

Outra resposta dada pelos entrevistados foi que as crianças nesta idade inicial tende a favorecer a coibição da ação com a devida prevenção, pois é neste momento que estão abertas ao aprendizado e a novos conhecimentos iniciais que levarão pela vida toda. Assim caso haja a realização de um trabalho preventivo eficaz e imediato, tal prática indisciplinar não surtirá nenhum efeito em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

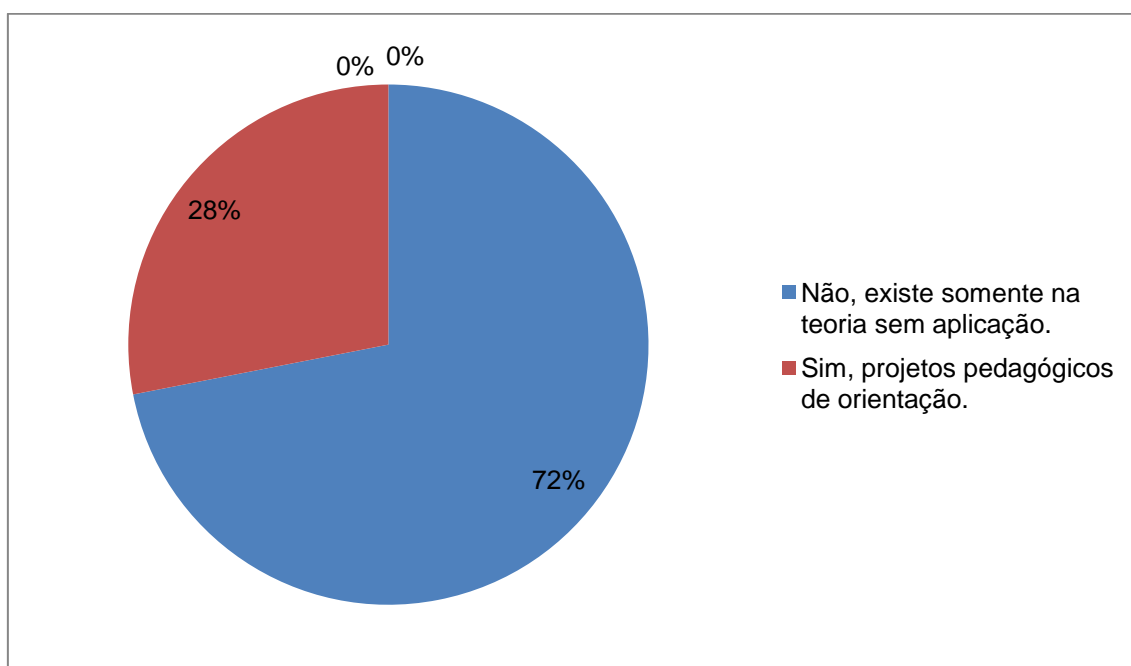


Figura 6: Analisar se na escola existe um projeto interventivo contra o bullying.

Esta pergunta pretendeu verificar se escola conta algum projeto que trás mecanismos de intervenção do bullying, sendo que diante das respostas demonstrados acima, certos professores responderam que não existe na sua totalidade, não passando de uma idealização escrita no papel que não é imposta na prática.

Contudo, alguns dos professores afirmaram que existem projetos pedagógicos com a sistemática de criar medidas que impeçam a ocorrência do bullying, mas que até o presente momento não houve um caso grave de bullying que necessitasse de medidas mais drásticas.

Assim, tal questionamento tem fundamental importância para que as instituições educacionais tenham uma alerta para essa nova ação de indisciplina, devendo de imediato procurar meios para coibir tal medida. Neste sentido diz SILVA, 2010:

As instituições educacionais se veem obrigadas a lidar com fenômenos como *bullying*, que, embora sempre tenha existido nas escolas de todo o mundo, hoje ganha dimensão mais grave. O fenômeno expõe não somente a intolerância às diferenças, como também dissemina os mais diversos preconceitos e a covardia das relações interpessoais dentro e fora dos muros das escolas (SILVA, 2010, p. 64).

Enfim, o que realmente os entrevistados quiseram demonstrar é que possa ser que exista um projeto, mas que até o momento não foi preciso utilizá-lo pelo fato de não ter ocorrido um caso grave que necessitasse de uma ação mais dura, sendo que os casos corriqueiros como de colocar apelidos pejorativos nos colegas são resolvidos de forma pacífica e imediata pelos próprios professores.

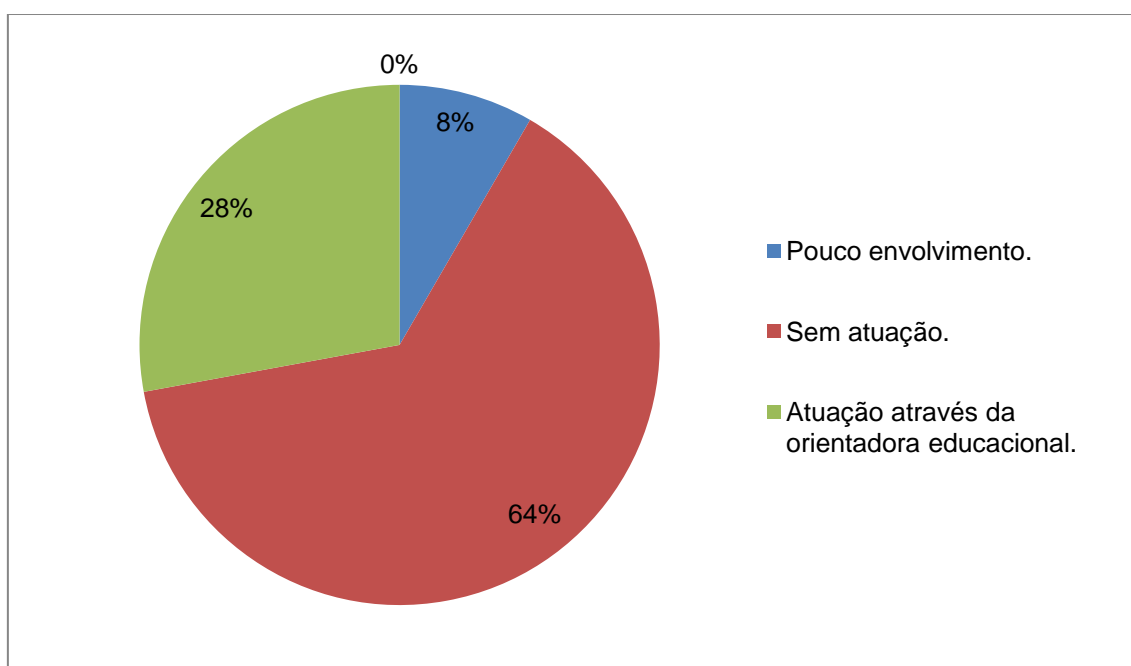


Figura 7: A atuação da escola diante dos eventos envolvendo o bullying na escola.

Nesta pergunta teve-se a preocupação de verificar o papel da direção da escola diante da ocorrência de bullying, verificando se há uma intervenção ou não. Dentre os professores entrevistados alguns responderam que há pouco envolvimento, outros responderam que não há qualquer tipo de atuação da direção sendo que este trabalho fica a cargo dos próprios professores e por fim outros educadores disseram que há uma atuação da direção, mas por meio da orientadora educacional.

O que se pode verificar neste gráfico é que na verdade a atuação da direção escolar se faz na pessoa da orientadora educacional que faz todo um trabalho de orientação pedagógica, e que pelo fato de haver um projeto ou uma atuação efetiva da direção acaba favorecendo o descrédito dos professores na sua atuação.

Assim é importante que haja um trabalho coletivo de direção, orientador educacional e professores no combate do bullying nas escolas, sendo que todos tem seu papel específico neste cenário, devendo cada qual realizá-lo na sua totalidade e eficiência.

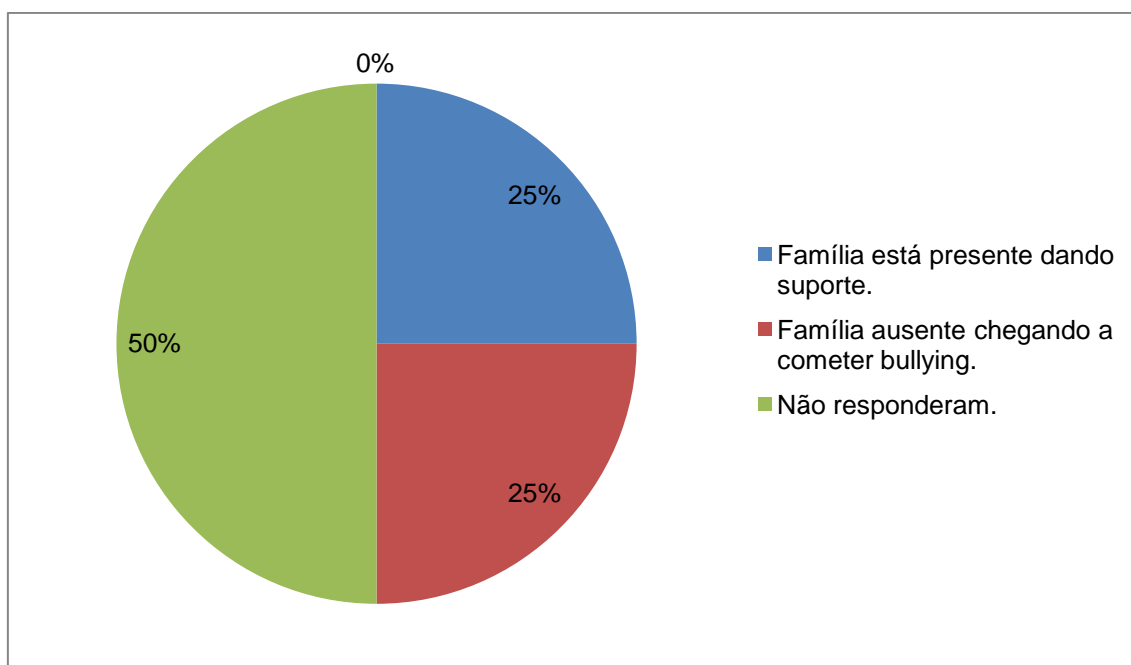


Figura 8: Posição da família quanto ao aluno que sofre bullying.

Por fim, o último questionamento teve o intuito de verificar a atuação da família da criança que sofre bullying indagando se ela oferece todo o suporte de apoio e orientação ou acaba sendo ausente, sem qualquer participação.

Diante das respostas apresentadas pelos educadores alguns não responderam prejudicando a constatação do papel da família no combate ao bullying. Entretanto outros educadores informaram que há a presença da família, dando todo apoio necessário quanto ao modo de se comportar quando se torna vítima do referido ato indisciplinar, favorecendo o trabalho pedagógico realizado pela instituição educacional.

Outros professores apresentaram uma resposta preocupante, informando que a família é ausente não oferecendo qualquer tipo de apoio ou orientação sendo que em alguns casos os agressores são os próprios familiares, demonstrando assim que o bullying não está restrito somente no âmbito escolar, mas existente na própria casa.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho de conclusão de curso teve o intuito de abordar a problemática da existência ou não de um projeto interventivo de prevenção da ação de bullying nas séries iniciais na escola classe 02 no que tange às atividades escolares, sendo que é nessa fase escolar que a criança encontra-se em desenvolvimento verificando assim os possíveis problemas que poderão acarretar caso não haja um programa de prevenção e orientação sobre essa prática.

Diante das respostas apresentadas pôde-se alcançar o objetivo pretendido pelo trabalho, chegando à conclusão de que as consequências são muito grandes de uma criança que sofre bullying e não há um tratamento correto, pois os alunos ficam retraídos, apáticos e acabam se afastando do meio social e de seus colegas se tornando cada vez mais inseguras quanto ao seu modo de agir, atrapalhando assim o seu crescimento social e educacional, chegando em alguns casos ao cometimento de certos delitos pelo fato de tentar inibir tais práticas muitas vezes utilizadas com agressões físicas.

Com a realização da pesquisa apresentada pode-se verificar que todos os educadores entrevistados souberam responder, apresentando cada qual sua definição, mas todas convergindo para o mesmo fim, onde o bullying é uma ação reiterada de agressões físicas ou verbais com a utilização de apelidos depreciativos com o fim de denegrir a imagem do colega fazendo com que este se sinta intimidado ou retraído.

Outro ponto que pode ser respondido foi sobre a questão do papel da instituição educacional, onde foi perguntado aos entrevistados se na escola existe algum projeto contra o bullying, onde houve respostas no sentido de que existe, mas somente na teoria sem a sua aplicação efetiva e que existe, mas que não foi preciso a sua utilização tendo em vista que os casos que eram presenciados eram reprimidos de imediato sem a necessidade de uma medida mais drástica.

Diante de todo o questionário apresentado aos entrevistados, o que fica evidente é que realmente os profissionais da área de educação sabem o que realmente significa o bullying e como ela é identificada, apresentando como medidas de coerção o trabalho preventivo, através de informação e orientação aos alunos, pois tal medida trás ótimos resultados nas séries iniciais pela utilização de trabalhos lúdicos, onde as crianças nessa idade tem mais facilidade de guardar informações e de adquirir conhecimentos.

Outra conclusão que se chega neste trabalho é que através das entrevistas pode-se concluir que a prática de bullying pode está em qualquer lugar, seja na escola, na família, no trabalho, em um relacionamento, entre outros ambientes. Com isso, o trabalho preventivo de orientação realizado pelas escolas na coibição desta ação favorece ainda mais a sua extinção, pois é a partir da educação que há a evolução e o conhecimento do ser humano, sendo que a criação de projetos interventivos tem uma grande importância na detecção do problema e na sua solução, sendo que tais medidas devem ser eficazes, pois de nada adianta possuir um projeto se este não cumpre o seu fim específico.

Enfim, diante de tudo apresentado, é necessário que cada vez mais novos pesquisadores realizem novas pesquisas e que os meios de comunicação e as escolas estejam aptos a realizar projetos de orientação às pessoas quanto à prática de bullying, sendo que não se deve partir apenas das escolas esse trabalho, mas também dos pais, que devem estar presente na vida de seu filho observando qualquer tipo de comportamento diferente para poder tratá-lo da melhor forma sem que haja qualquer tipo de sequela que atrapalhe seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.G. **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996, 157p.

_____, (org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, 148p.

_____, (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, 143p.

_____. (org.) **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, 153p.

_____, (org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998, 215p.

ANDRADE, R. C; FRANCO, A. **Alfabetização-desvendando segredos, descobrindo caminhos**. Amae Educando: São Paulo, n.º 296, nov. 2000.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo, Papirus, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**, volumes I,II,III. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, V. M. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP & A,1999.

CHAUÍ, M. H. **A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo**. Almanaque 11: Educação ou Desconversa? Brasiliense, 1980.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo?** São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

DUBET, F. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 1991.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Versus, 2005.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização** – Tradução Horácio Gonzalez (et.al.). 20 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo, Marcelo, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

McCAFFREY, T. (orgs.) **Transtornos emocionais na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999, pp.11-17.

MELUCCI & FABBRINE. **A dinâmica da violência escolar**. Autores associados, 1992.

NOGUEIRA, A. L. **A indisciplina escolar: problema da criança, da família ou da escola? Pediatría moderna**. São Paulo, vol.XXXIII, n.5, 1998, pp.316-319.

OLIVEIRA, F. **A ética como vetor da ação escolar: contribuições da Psicologia Institucional**. Resumos dos trabalhos apresentados. I Congresso Internacional de Desenvolvimento Humano. São Paulo: Universidade São Marcos, 1988.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOARES, Magda Soares. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 121p.

ZALUAR A. **A autoridade o chefe e o bandido: dilemas e saídas educacionais**. Revista: educação e sociedade, ano XVI, Nº 53, págs. 694-714, 1995.

G1, GLOBO.COM Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/06/pesquisa-do-ibge-aponta-brasilia-como-campea-de-bullying.html>, 15 DE JUNHO DE 2010. Acesso em 02 de junho de 2013.

HAMZE, Amelia, 2013. **Bullying Escolar, Canal do Educador**. Disponível em <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/bullying-escolar.htm>. Acesso em 02 de junho de 2013.

MEIRA, Leonardo, 2001. **Bullying pode trazer várias consequências para o futuro.** Canção Nova Notícias. Disponível em <http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=281881>. Acesso em 02 de junho de 2013.

SISTO, F.F. **Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. Psicologia em Estudo.** [online] v. 10, n. 1, p. 117-125, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-3722005000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 de Nov. 2011.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (alunos)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: **INDISCIPLINA ESCOLAR: Bullying na Educação Física no Ensino Fundamental Séries Iniciais na Escola Classe 02 do Paranoá.**

O objetivo desta pesquisa é: **Identificar as consequências do Bullying nos alunos do Ensino Fundamental 1 nos aspectos cognitivos, afetivo e motor.**

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será através de uma **entrevista; sobre o comportamento dos alunos que por indisciplina influenciam negativamente no rendimento cognitivo, afetivo e motor dos alunos que sofrem com o Bullying durante atividades recreativas e fora delas**, que o(a) senhor(a) deverá responder **na escola**, na data combinada com um tempo estimado (os tempos de cada procedimento) para sua realização de entrevista com tempo previsto de 1 hora. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília – podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dr(a). Keila Fontana, na instituição Universidade de

Brasília telefone: (61) 3107-2555, no horário: 8:00 às 12:00hs e das 14:00 às 18:00hs.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

Sérgio Pereira dos Santos

Nome e assinatura

Paranoá-DF, 02 de maio de 2013.

APÊNDICE B – Termo de Concordância



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO
BRASÍLIA - DF
TELEFONE (061) 3107-1947
E-mail: cepfs@unb.br
<http://fs.unb.br/cep/>

TERMO DE CONCORDÂNCIA

A **Tânia Barbosa de Melo** vice-diretora da Escola Classe 02 do Paranoá, está de acordo com a realização, nesta unidade escolar, da pesquisa **INDISCIPLINA ESCOLAR: Bullying na Educação Física no Ensino Fundamental Séries Iniciais na Escola Classe 02 do Paranoá**, de responsabilidade do pesquisador **Sérgio Pereira dos Santos**, para desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso dos(as) estudantes do curso a distância de Educação Física/UnB, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

O estudo envolve **realização de análise documental, observações participantes, entrevistas e questionários** com professores e estudantes da **Secretaria de Educação do Distrito Federal**. Tem duração de 1(hum) mês, com previsão de início para 04/2013.

Brasília-DF, 18 de março de 2013

Vice/Diretor(a)/coordenador responsável:

Tânia Barbosa de Melo



Assinatura/carimbo

Tânia Barbosa de Melo
Vice-Diretora E C 02 do Paranoá
Mat 2107996
DODF nº 183 Pág 52 de 10/09/2012

Pesquisador Responsável pela pesquisa:

Sérgio Pereira dos Santos



Assinatura

APÊNDICE C - Questionário Aplicado aos Professores



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO
PROGRAMA PRO-LICENCIATURA – POLO
PLANALTINA- DF



Questionário a ser aplicado aos professores, tema: **INDISCIPLINA ESCOLAR: Bullying na Educação Física no Ensino Fundamental Primeiro Ciclo na Escola Classe 02 do Paranoá.**

1) O que você entende por Bullying?

2) Você consegue identificar ações que configurem o Bullying? Quais?

3) O que você faria se visse algum aluno praticando Bullying?

4) Que atitudes você tomaria ao ter alunos vítimas de Bullying?

5) Você tem aluno que sofre ou tenha sofrido Bullying?

() sim. Quantos? _____ () não

6) Quais consequências você identificou em seus alunos vítimas de Bullying com relação ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor

7) Você acha que há a necessidade de um projeto interventivo intervindo contra o Bullying nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Porque?

8) na escola já existe um projeto interventivo contra o Bullying, você já pode notar algum resultado positivo deste projeto? Quais?

9) Como você vê a atuação da direção escolar diante dos eventos envolvendo o Bullying na escola?

10) A família do aluno que sofre Bullying é presente, dá o suporte adequado ao filho nestes casos ou só cria polêmica?
